

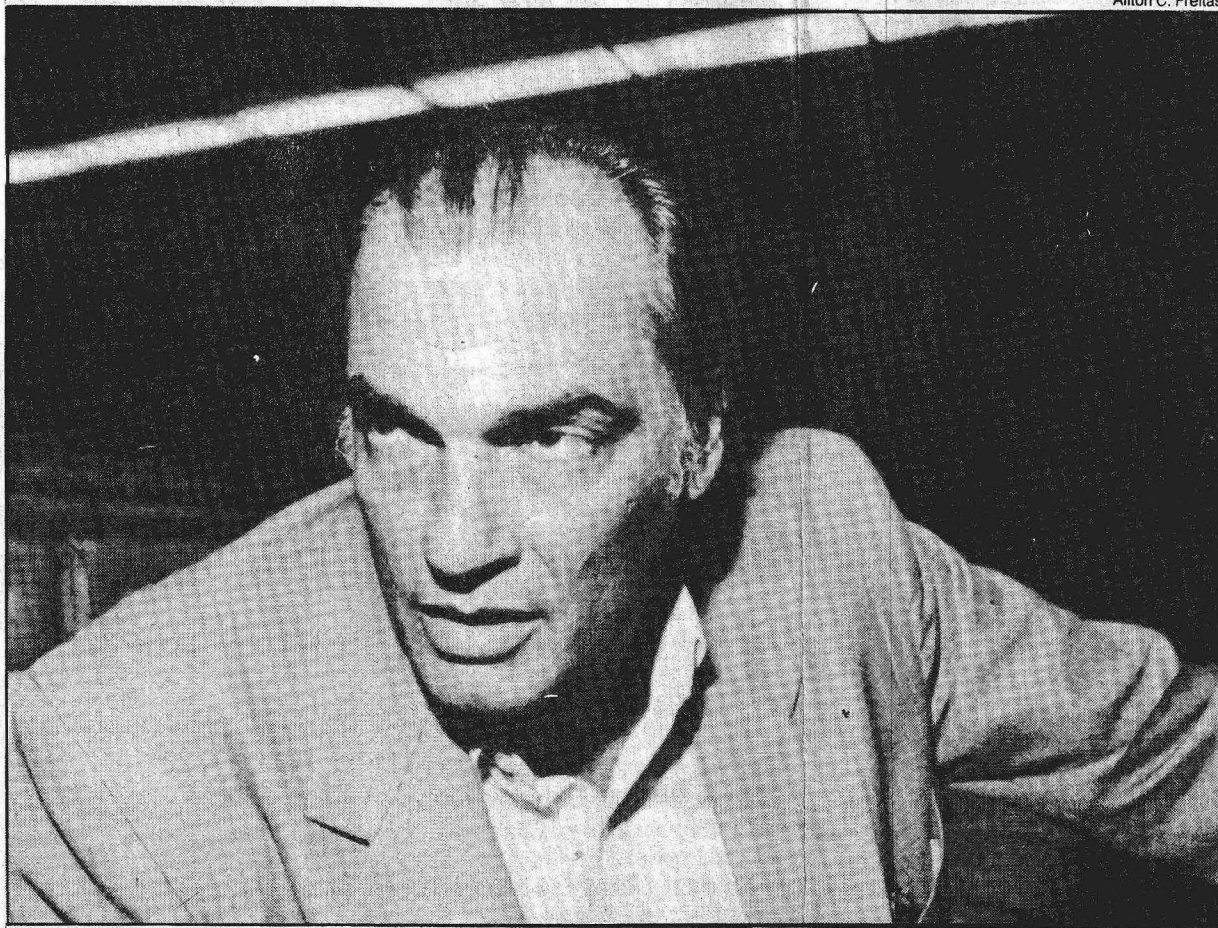
Freire apóia mas lembra Diadema

Ailton C. Freitas

“Se for para reeditar Diadema, não conte conosco”. Dirigido ao PT (que administrou o município entre 82 e 88 numa tumultuada gestão), o recado foi dado ontem pelo candidato à presidente do PCB, Roberto Freire, ao condenar a exclusão de “qualquer força do campo democrático” do processo de formação de alianças com vistas ao segundo turno. Segundo ele, é certo o apoio dos comunistas ao adversário de Fernando Collor, seja Leonel Brizola ou Luiz Inácio Lula da Silva. O fundamental é discutir formas de assegurar governabilidade a qualquer um deles.

“Apoio para voto haverá”, disse Freire ao JBr. “Isto nem precisamos discutir. Se querem discutir, vamos discutir coisa mais séria”. O debate, no seu entender, deve priorizar a elaboração de um programa comum e a garantia de base de sustentação política ao futuro presidente. A distribuição de cargos ou mesmo a troca do candidato a vice são, no seu entender, questões irrelevantes, embora possam fazer parte da discussão. “Quero saber quais as outras forças que vêm”, completou. Nesse sentido, ele entende que não podem ficar de fora da composição o PSDB e o setor mais progressista do PMDB, representado por sua atual Executiva Nacional.

Sectarismo — Roberto Freire participou ontem, no auditório do anexo IV da Câmara dos Deputados, da reunião preparatória da Convenção Nacional do PCB, que se realizará hoje em Brasília. Ele reconheceu que a performance eleitoral do partido ficou aquém das expectativas, que se situavam na faixa de 2% dos votos ou mais. Convencido de que foi prejudicado pelo voto útil na re-



Freire diz que no segundo turno a disputa vai ser muito dura e que não tem certeza de vitória da esquerda

ta final da campanha no primeiro turno, considerou, no entanto, que houve uma “vitória política”: “A nossa candidatura foi uma das mais respeitadas, qualificou o debate e retomou o diálogo com setores fundamentais, como a classe operária, a intelectualidade e a juventude. Ressuscitamos e tivemos uma vitória básica contra aqueles que sempre pretenderam no País nos eliminar, até fisicamente em alguns momentos”.

Quanto ao segundo turno, ressaltou: “Ganhar a eleição não deve ser a única preocupação das forças de esquerda. É preciso base de sustentação para poder governar, o que exige um processo de negociação o mais amplo possível. Estreiteza e sectarismo podem nos levar a um desastre. E Brasil não é Diadema”. Freire classificou como “irresponsáveis” os sinais já emitidos pelo PRN no sentido de uma composição

com o PCB, que poderia inclusive fazer-se representar no ministério do Governo Fernando Collor pelo candidato a vice-presidente Sérgio Arouca ou por ele próprio. “Não vou me preocupar com isso”, comentou. “A boca é deles e eles podem dizer o que quiser. A nossa posição é muito clara, por representar uma alternativa socialista que nada tem a ver com o pensamento do Sr. Collor”.